

HISTÓRIA DE MARINA

Isabel Nogueira¹

De vez em quando Marina gostava de ir na janela da frente do apartamento e olhar a rua, pra ver as pessoas passando.

Ela tinha colocado ali um desenho seu no começo da pandemia dizendo: "vai passar", o que era ao mesmo tempo um recado e um desejo.

Fazia muitos dias que aquilo tinha começado, e agora não tinha mais os dias de ir na escola para fazer trabalhos, brincar e fazer lanche com os colegas.

Tinham aulas e tarefas sim, de um jeito diferente e muito novo, que ela ainda não sabia bem se gostava.

Agora o tempo era dentro de casa, e as horas passavam às vezes rápidas, às vezes devagar.

A vida de Marina agora parecia cena de filme, mas era um filme que ela ainda não tinha visto e por isto não sabia como seria o final.

Marina sempre quis ter um gato branco, e ela sonhava em dar a ele o nome de Pipoca.

Seria uma boa companhia nesta quarentena, ela pensava.

Outros animais passeavam pelos seus desejos também: um iguana, um elefante bebê, um ornitorrinco, um cachorro alienígena de três patas.

Dentro de casa não iam caber todos, claro, mas sua imaginação era bem, bem grande e tinha lugar pra todos eles.

Dava saudade de brincar com as outras crianças, mas no começo ela não sabia que este sentimento se chamava assim.

Foi começando como uma coisinha que incomodava, um aperto no peito parecido com tristeza, um laguinho sem água lá no fundo da lembrança.

Quando então alguém disse: "tá com saudade das amigas, Marina?" Foi daí que ela pensou: "ah, tem este nome este vazio sem cor então?"

¹ Compositora, artista sonora, produtora musical e musicóloga. Doutora em Musicologia pela Universidade Autônoma de Madri, professora da UFRGS e coordenadora do Grupo de Pesquisa Sônicas: Gênero, Corpo e Música (UFRGS). isabel.isabelnogueira@gmail.com

Tinha tanto sentimento pra gente entender neste mundo e dentro da gente...

Ela passava algum tempo, que não era pouco, vendo filmes.

Nos filmes que ela via os personagens tinham um jeito diferente dos outros: eles saiam da tela pra brincar com ela e às vezes até chamavam Marina pra dentro também.

Eles brincavam, ela criava outros diálogos para os filmes, se vestia como os personagens, de repente a casa toda, inclusive sua mãe, eram parte do roteiro.

Muitas vezes ela seguia inventando histórias além do que o roteiro falava, mas isto não tinha muita importância, ficava tudo misturado e era bom de todo jeito.

Tinha vezes em que as histórias que moravam dentro da cabeça dela eram ainda mais legais do que as dos filmes.

Este passeio que às vezes ocupava a tarde inteira de Marina trazia risadas, diversão e vontade de que não terminasse nunca.

Aos poucos, Marina foi entendendo que este calorzinho gostoso no peito era um dos nomes da felicidade.

Mas tinha vezes que o mundo parecia que tinha sido pintado de vermelho.

O vermelho vinha junto com um calor que queimava por dentro, e alguma coisa fazia com que ela batesse os dois pés no chão e ficasse muito, muito incomodada.

Sua voz brotava então bem alta, bem alta, e ela não conseguia organizar direito a torrente de palavras que teimavam em sair sozinhas.

Ficava assim por um tempo até esvaziar, e ela depois até sentia um pouco de vergonha murcha da torrente vermelha, mas sentia um pouco de alívio também.

Diziam que ela tinha ficado muito brava, ela ouvia e identificava o que aos poucos foi dando o nome de raiva.

Será que tinha diferença entre raiva e braveza?

Talvez quando ficasse mais crescida ela soubesse isso melhor.

Tinha vezes que o mundo parecia bem pequeno, e ela sentia que com seus dois pés, que não eram muito grandes, ela poderia subir facilmente nos prédios altos ao lado do seu apartamento.

"E se eu subisse naquele prédio, o que vocês fariam?", perguntava para os adultos que moravam com ela.

Tinha uma mistura de desafio e vontade de aventura que fazia com que os olhos dela fossem longe, longe, mesmo que de verdade subir no prédio fosse um pouco impossível, ainda mais escalando pelo lado de fora.

Ao mesmo tempo, as vontades pareciam possíveis, intensas e coloridas, e tinham o poder de seduzir seus pensamentos.

Parecia quando ela queria muito comer o bolo que tinha acabado de sair do forno, mas tinha que esperar esfriar um pouco.

Ah, que vontade de comer bem quente este bolo, que vontade de comer agora mesmo!

Sentia então esta vontade borbulhando dentro dela e esperando para ser satisfeita, e pensou que talvez isto pudesse ser um dos jeitos que o desejo usa para conversar com a gente.

Em alguns dias, Marina acordava inquieta com vontade de não sei que.

Andava para lá e para cá, e não vinha uma resposta sobre o que seria.

Ela sentia, se parasse para perceber, uma coisinha incômoda no fundo da cabeça, como algo se mexendo ou quebrando uma casca.

Ela parava mais um pouco, e entendia que era uma ideia nascendo como filhote de dragão quebrando a casca do ovo e abrindo pela primeira vez as asas.

Podia ser a invenção de uma história, uma música pra ela cantar bem alto no pátio da casa, um desenho novo, muitas coisas diferentes podiam sair destes ovos de dragão.

Ela ficava um tempo admirando, vendo a cor das escamas jovens, o tamanho das asas que se abriam.

Era um ninho este das ideias novas, e ele ficava num lugar bem especial da cabeça de Marina, ali meio no fundo, um pouquinho pro lado direito, um lugarzinho que ela tratava de olhar todo os dias e cuidar muito bem.

O tempo passava diferente agora na pandemia, será que eu já falei isto?

Dias longos, outros curtos, entusiasmo em alguns deles, vontade de não fazer nada em outros.

Marina muitas vezes dizia que tudo estava chato.

Vontade de sair, de ver outras pessoas, vontade de saber quando tudo isto iria terminar.

Muitas vezes era tudo muito complicado, difícil de entender, e ela acabava achando que chamar de chato era mais fácil.

Tinham falado que vírus era complicado, e ela completava: "complicado e chato".

Nos dias mais difíceis, a saudade apertava e ela pensava que conversar com as pessoas pelo computador não tinha o calor do abraço, não tinha o mesmo brilho no olho, e que a risada ficava com um som bem esquisito.

Nos dias mais tranquilos, ela deitava sozinha e percebia seus sonhos de futuro misturados a seus personagens favoritos, dançando juntos no teto do quarto.

As ideias fervilhavam chocando seus ovos de dragão e abrindo suas asas decididas dentro da sua cabeça.

Ela sentia então a respiração pesada e dormia embalada pelo ir e vir, sonhos e personagens conversando uma conversa morna.

E dormia.

Quando Marina perguntou de onde vinha seu nome, explicaram que vinha da palavra mar.

Um monte de água que é um pouco azul, um pouco verde, às vezes transparente e às vezes nem tanto.

"Ah, então o mar é uma coisa que muda o tempo todo", ela pensou.

Correu para a janela para ver se seu desenho ainda estava lá.

"O mar é grande, mas tem sempre uma outra margem", ela pensou.

Então, sua janela pareceu um barquinho seguro, e Marina imaginou que seu desenho podia dar as mãos para todas as pessoas do mundo.

Ela, menina-mar, imaginou que podia acalentar uma ideia-ovo-de-dragão, e nesta ideia desejar que sim, tudo aquilo passasse um dia.

Então o calorzinho no seu peito voltou, ela sorriu e desta vez Marina deu à ele o nome de Esperança.